



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1418

ENCOBERTO E DESCOBERTO: a duplicidade em padre Antônio Vieira

José Maria Tadeu Magalhães Silva
Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de
Alfenas (PPGHI/Unifal-MG)

Carlos Tadeu Siepierski
Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de
Alfenas (PPGHI/Unifal-MG)

RESUMO

O trabalho propõe analisar perspectiva dúplice na pessoa do jesuíta Antônio Vieira (1608 – 1697). As fontes utilizadas são seus sermões e cartas, bem como biografias. O percurso analítico perpassa três caminhos: o primeiro se utiliza de momentos da vida do jesuíta e procura desmistificá-los, apresentando o homem no mito. O segundo utilizando de fontes como o Sermão de São Sebastião, evidencia a intencionalidade dúplice em sua elaboração, apresentando aqui o homem na obra. Por fim em revisão bibliográfica em obras de Azevedo, Basselaar, Pécora, Hermann e Hansenn a constatação da perspectiva dúplice em Vieira e traz-se à luz o homem não visto pelas obras. Aluno inicialmente tido por medíocre adiante será aclamado pela capacidade intelectual, mudança atribuída a um “estalo” mental sob os pés da imagem da Virgem Maria. Um dia “perdido” pelas ruas de Salvador foi “socorrido”, por um anjo. A vocação missionária se apresenta quando “deixa” o convento e se refugia no interior da capitania, quando da 1ª invasão Holandesa a Salvador. Criticado por não se opor à escravidão negra não titubeou em se opor à ameríndia. Evidenciar a duplicidade existencial do personagem contribui para melhor compreensão de sua vida e obra, além de possibilitar maior entendimento do seu legado. Tal perspectiva analítica vem ao encontro do crescente interesse pelos estudos relativos à América Portuguesa, bem como pela diversidade de enfoques.

Palavras-chave: Antônio Vieira; Jesuíta; duplicidade; diversidade.

Introdução

A religião não criou Vieira, fez o jesuíta. Jamais Vieira se afastou de ser jesuíta e fez religião. Vieira, religioso jesuíta, orou e obrou. Vieira, cidadão do mundo, obrou e orou. Encoberto e descoberto, eis o homem na obra e a obra no homem, é o que se busca. Personagem dúplice que, no teatro do sacramento (Pécora, 2008) assim como nos palcos da vida ora se reveste de dada máscara, o mais simbólico elemento da linguagem cênica para a caracterização do personagem, ora de outra sem jamais deixar de ser o brilhante ator que dá vida às mesmas. Eis o que se procura apresentar no presente trabalho.

Vieira "pregou" muito além dos preceitos do universo religioso do qual participou tanto que chegou a ser privado de voz ativa e passiva por "interpretação" das escrituras pelo Tribunal do Santo Ofício, instituição eclesiástica destinada a cuidar das coisas da fé, em especial, inquirir heresias. A mesma religião que supostamente o retirara da mediocridade na puerícia, nesse momento da vida tolhe totalmente sua maior capacidade de atuação.

Circunstância com muitos dos elementos citados foi diligentemente explorada em sua biografia quando é relatado que em certa feita, quando esse deixara o colégio religioso à noite e fora atuar missionariamente se perdera próximo a um rio. Temeroso dos perigos da escuridão do mundo lá de fora e do risco de se perder ou mesmo cair nas águas do curso daquele, após orar ardentemente, fora resgatado e conduzido por um anjo que surge de imediato após a ardente prece, chegando a salvo a seu destino quando seu diligente guia desaparece por completo.

Personagens com tamanho destaque como no caso de Antônio Vieira, o facilitador ou "ponte", e neste caso a religião, não podem ser tidos e apresentados como "criadores" do personagem tão *sui generis*, sem que se cometa alguma terrível e indevida apropriação de ser do mundo. Não se trata de se desconsiderar figura tão ímpar, como a do personagem ou mesmo querer combatê-la, muito pelo contrário, o que se busca é apresentar o protagonista sob perspectiva analítica mais abrangente, buscando assim que o mesmo, dentro do referencial que é, não seja apresentado tão somente com uma dada perspectiva. O ser Vieira é mesmo monumental e é a isso que se prende este trabalho.

Assim, uma outra perspectiva sobre Vieira surge interessante e até mesmo necessária, pois que seu primeiro biógrafo, um também jesuíta, André de Barros,

com a obra *A Vida do Apostólico Padre António Vieira* (1746), pode ter dado à figura biografada contornos muito próprios dentro de uma lógica evidentemente Católica e jesuítica, afastando o lado homem da lendária figura. A esse respeito bem trata Pedro Puntoni ao analisar a obra de Barros e dizer que

Descontada a dimensão panegírica e a complacência do coleguismo, tirando o fato de que tal escrito passou necessariamente pela censura do Santo Ofício, que não queria ver ali esmiuçada toda a contenda travada com Vieira, **o livro tornou-se fonte primária** para o estudo da vida do jesuíta (Puntoni, 2008:vii). (grifo nosso)

Fato é que mesmo questionada, tal imagem perdura, como afirma Alfredo Bosi quando diz que

O que se sabe da infância e adolescência de Vieira deve-se em boa parte, às páginas do já mencionado padre André de Barros, que, tudo indica, misturava informações exatas e **narrativas talvez romanceadas para melhor enaltecer a figura** do seu biografado (Bosi, 2013:12). (grifo nosso).

Esse, digamos, “manto sagrado” colocado sobre a “imagem” do analisado diferentemente de se exaltar a figura provocaria tão somente um abafamento da resplandecência desse, pois que limita a dispersão de tão vívida luminosidade, obrigando que essa alcance o mundo por fresta única em um ser portador de mais de uma faceta.

A constatação de outras características presentes em Vieira há que contribuir para melhor compreensão do imenso cabedal existente naquele, buscando também explicar porque atuara de certa forma, com que vistas o fizera e o que quis demonstrar com tal ou tal atuação, através da vida e obra e então se deparará, ainda, com um homem muito mais amplo. Para que se avalie a possibilidade da existência de outro Vieira, o encoberto, no Padre Antônio Vieira, descoberto, far-se-á necessário detida análise que perpasse por momentos marcantes de sua vida, detalhes de algumas de sua extensa obra e, até mesmo, analisando-se aqueles que o trouxeram a lume e sob que perspectiva o fizeram.

Puerícia narrada: origem x originado

Antônio Vieira nasceu no dia 06 de fevereiro de 1608 em Lisboa, Reino de Portugal, e faleceu no dia 18 de julho de 1697 em Salvador, no Estado do Brasil, ultramar português. Alguns o querem brasileiro, em Portugal o têm, mais corretamente, por luso. Começo e fim de uma duplicidade existencial constatada até mesmo quanto ao nascer e morrer.

Português de nascença veio ainda criança com a família morar no estado do Brasil, somente retornando ao país de nascimento quando moço e já formado fisicamente e formatado intelectualmente. Retorna a Portugal um português que se ausentara ou chega às terras da Lusitânia um novato brasileiro? Fato é que leva do Brasil enorme experiência adquirida da convivência interracial nas terras tupiniquins.

Foi batizado aos 15 de fevereiro de 1608 recebendo como padrinho D. Fernão Telles de Meneses, o conde de Unhão. O filho de serviçal humilde da casa tendo por padrinho de batismo o Conde. Extremos constantes.

Nascido em lar humilde, na Rua do Cónego, perto da Sé, em Lisboa. Filho único enquanto residente em Portugal, no Brasil torna-se o primogênito dos quatro filhos de Cristóvão Vieira Ravasco, que era natural de Santarém e de origem alentejano, de Moura. Sua avó paterna seria mulata ou africana, fato que nem mesmo diante do Santo Ofício, Vieira afirmara. Sua mãe Maria de Azevedo, lisboeta, filha de um Brás Fernandes. A origem humilde se contrapõe à frequência às mais altas cortes e palácios, além da participação nas maiores discussões e decisões a nível mundial para a época. Duplicidade nascimento/atuação.

O pai de Vieira serviu à Marinha Portuguesa e foi também, por dois anos, escrivão das devassas dos pecados públicos da cidade de Lisboa. Mudou-se para o Brasil em 1609 a fim de exercitar na Relação o cargo que pelo casamento granjeara, já que a esposa era filha de um armeiro da Casa Real onde obtivera carta de lembrança de um ofício de justiça ou fazenda para o homem, voltando com licença ao Reino em 1612. Em 1614, juntamente com a esposa e o filho único, até então, retorna ao Estado do Brasil para reassumir o cargo de escrivão dos agravos e apelações cíveis da Relação em Salvador, na Bahia. No mesmo decreto designativo, por graça feita àquele, por D. João IV foi-lhe concedido o título que o aproximava da verdadeira fidalguia Real, “meu moço de câmara”, já que anteriormente somente fora criado dos condes de Unhão, assim como seu pais e avós de Vieira.

Cristovão Ravasco nunca possuíra a fidalguia da linha paterna, atribuída por André de Barros, em evidente presença de demão do verniz jesuítico na história contada para encantar. Tal generosidade fora cabalmente desacreditada por um dos mais idôneos biógrafos de Vieira, João Lúcio de Azevedo, cuja comprovação fora possível através de informações constantes do processo inquisitorial movido contra Vieira junto ao Santo Ofício, quando informa que

O avô e o pai de Vieira tinham sido criados dos condes de Unhão; e, tomando a palavra no sentido menos pejorativo, para não tratarmos a um e a outro de fâmulos, dependentes desses fidalgos e com certeza assalariados. (...) Fidalgo da casa de Sua Majestade não era Cristovão Ravasco quando o filho nasceu, somente mais tarde, por graça feita ele por D. João IV, quando foi-lhe concedido o título que o aproximava da verdadeira fidalguia, “Meu moço de câmara” (Azevedo, 2008: 19-20).

Pelo lado materno, segundo Azevedo, sua mãe seria filha de um armeiro da Casa Real, Brás Fernandes e de uma padeira dos frades de São Francisco. Acredita-se que essa avó de Vieira teria o conhecimento das letras pois trabalhara no Convento, onde tal empreitada fora possível. Há quem atribuisse certo veio de sangue hebraico, originário dessa avó, que nunca se apurou.

Os numerosos desafetos de Vieira no Maranhão o infamavam de “batizado em pé”, calúnia ou não, em todos os tempos foi contra ele explorada tal possibilidade. Quando o teve a sua conta, a Inquisição procedeu como era usual para com réus cuja pureza de sangue não era certeza. Outro fato no mesmo sentido é que Bernardo Vieira Ravasco, irmão de Vieira e Gonçalo Ravasco de Albuquerque, filho de Bernardo e conseqüentemente sobrinho de Vieira não lograram ser recebidos na Ordem de Cristo para que tivessem hábito, possivelmente pois que teriam de justificar a limpeza do sangue. Duplicidade de raça?

No período em que o pai de Vieira estivera vivendo no Brasil, 1609 a 1612 sua mãe permanecera toda reclusa, totalmente consagrada ao filho, sendo-lhe mestra de ler e escrever. Chegando em 1614 à Bahia encontram um povoado dito como a “corte do Brasil” e seu termo, que abrangia doze freguesias, com cerca de três mil portugueses, oito mil índios e mais de quatro mil escravos africanos, que trabalhavam em mais de quatro dezenas de engenhos de açúcar. Tal constatação se faz necessária vez que permite que se dessuma grande convivência e intercâmbio cultural e religioso de Vieira e os demais povos na localidade. A quase totalidade desses com matrizes religiosas com fortes concepções que diferiam totalmente do ressurreicionismo adotado pelo Catolicismo.

Vieira inicia os estudos regulares no Colégio dos Jesuítas de Salvador alcançando destaque. O fato de certa idiotice quando no início das atividades escolares, merece questionamentos. Isso porque, como já descrito, o estudante era filho de personagem que na ocasião assume a atribuição de escrivão, o que leva a crer portador das “letras”, naturalmente. Além daquela que se essa avó materna de

Vieira, se de origem judaica teria como natural tal conhecimento ou ainda que por trabalhar como padeira no convento Franciscano alí adquirira tal conhecimento.

Por fim, no que tange à questão de suposta mediocridade intelectual atribuída ao menino Vieira, quando adentra ao convento Jesuíta na Bahia, para iniciar os primeiros estudos e uma transformação para algo próximo à genialidade após um repentino despertar, após ardorosa prece, fato conhecido como “estalo de Vieira”, traz-se à baila fatos anotados pelo próprio André de Barros, ocorridos ainda em Portugal, que não corroboram com a pregada mediocridade quando registra que

Ainda menino, já se notava sua vivacidade e inteligência. Certa feita, quando um cônego o encontrou no adro da antiga Sé de Lisboa lhe perguntou: “... de onde ele era. Antônio: Vossa Mercê não me conhece. Eu, tornou o curioso, conheço metade do mundo. Pois eu, Senhor, respondeu o menino, sou da outra metade (Puntoni, 2008:v).

O fato ocorrereu na Sé de Lisboa, ainda em Portugal. Importante relembrar que Vieira nasceu em 1608 e deixou as terras lusitanas em 1614, contando assim com no máximo seis anos de idade quando da ocorrência de tal circunstância. Outro acontecimento que merece ser trazido à discussão, pois que vai de encontro à suposta mediocridade do menino é aquele narrado pelo mesmo biógrafo André de Barros quando conta que

Certa feita, quando um cônego o encontrou e lhe pergunta: De quem sois meu menino? No que Antônio, rápido, respondeu-lhe: Sou de Vossa Mercê pois me chama seu (Puntoni, 2008:v).

Como visto temos dois meninos e um só Vieira. Um que “nos primeiros tempos de estudante, compreendia mal, decorava a custo, fazia com dificuldades as composições, sendo em tudo aluno medíocre” (Azevedo, 2008: 23) e que em certa feita, orando aos pés da imagem da Virgem das Maravilhas ao lhe rogar por maiores habilidades nos estudos sente nesse momento um estalar no cérebro e vê o que parecia obscuro e inacessível à memória se apresentar de forma lúcida e fixa na retentiva. O outro menino Vieira foi filho de escrivão, teve por mãe uma Maria que o orientou nas letras desde tenra idade, ainda em Portugal. Teve uma avó letrada. Se apresenta desde Portugal de uma vivacidade e inteligência que não coaduna com mediocridade. Dois Vieiras e um menino, duplicidade constante.

Em 05 de maio de 1623 ingressa na Companhia de Jesus como noviço, contando aí com 15 anos de idade. Segundo a narrativa foge de casa à noite e vai se refugiar no colégio Jesuíta aceitando um chamado do alto, onde é recebido de braços abertos pelo reitor, o padre Fernão Cardim e no dia seguinte enceta o

noviciado. Eis o jovem Vieira que pela escuridão da noite deixa a ignorância do mundo para adentrar a um novo mundo sendo ali recebido de braços abertos. Romanceada narrativa salvífica. Pois que, fato é que como narra Azevedo,

Entre estes elegiam os padres os que por vocação, talento, fortuna, ou posição social julgavam aquisição valiosa. Incutiam-lhes o amor da roupeta e a aspiração de algum dia a revestirem; **captavam**-lhes a vontade com afagos; **perturbavam**-lhes a juvenil consciência com as névoas do misticismo. Um dia vinha (...) bater-lhes à portaria. (...) **caso trivial das tradições da Companhia** e dos que em todos os tempos têm levantado iras contra ela. (...)

Para melhor subtrair o adolescente às instâncias da família, que lhes combatia a vocação, transferiram-no os padres para a aldeia do Espírito Santo, a sete léguas da cidade. (...) Data daí o seu empenho de consagrar a existência ao trabalho das missões, (...) **o que por tempo relativamente curto, conseguiu realizar.** (grifos nossos)

Vê-se, assim, que uma fuga deliberada do lar não seria a mais correta definição para o fato que, muito mais se encaixaria a eventual surrupio de talentoso jovem do seio familiar após, logicamente, se trabalhar todo seu emocional, dando ao fato conotações de fuga voluntária e acolhimento providencial. Nesse sentido coloca Azevedo ao relatar o depois da fuga que surrupiou o jovem:

Ao cabo de algum tempo pôde o noviço voltar à cidade. A família **resignava-se ao que não pudera evitar**, e para isso contribuiu sem dúvida a intervenção do reitor Fernão Cardim, muito da casa e interessado em desfazer a má impressão do ato em que, pela participação inevitável, lhe cabia a mácula, perante os pais de Vieira, de **haver faltado às leis da amizade** (Azevedo, 2008: 26). (grifos nossos)

A empreendida “fuga” tivera muito mais por fundamento o terror que qualquer outro fator, como nos conta Azevedo, quando diz que

O terror do inferno de que se impregnavam os ânimos infantis devia ter efeito decisivo na solução do problema. É nítido o testemunho de Vieira, escrito de sua mão: '**Aos 11 de março de 1623, ouvindo uma história do inferno, em uma pregação da tarde, do padre Manuel do Couto, me deu Deus a primeira inspiração eficaz de entrar religioso**'. O mesmo com outros sucederia (Azevedo, 2008: 28). (grifo nosso)

Aos 16 anos, quando da primeira invasão holandesa a Salvador, refugia-se no interior da capitania, onde retoma sua vocação missionária. E como dito em sermão pelo próprio Vieira: “Para isto, concluía, hão de sair e partir daqui, deixando as capelas douradas e os corredores azelujados e os eirados de flores e vistas alegres, sem saudades, sem repugnâncias, sem temores (...)”, e bem completou Azevedo: “... era a vida do jesuíta no Brasil, a que esperava Antônio Vieira e que ele ambicionava, a de que o destino mimoso havia por muito tempo de desviá-lo” (2008:

38). Buscado e encontrado, constante duplicidade.

Ressurreicionismo x reencarnacionismo – “o pó que cai e o pó que levanta”

Vieira "pregou" muito acima dos limites prescritos no mundo religioso do qual participou em constatação de que enxergava muito além do que seria aceito e permitido pela própria Ordem da qual participava. Fundi-se o diplomata solerte, o conselheiro de projetos econômicos de longo alcance e o missionário zeloso com o leitor crédulo das trovas do sapateiro Bandarra, razão e crença. Crente, inclusive, na ressurreição do rei morto e que ressuscitaria novamente para seguir adiante governando um Quinto Império.

Suscita-se aqui a questão dogmática da ressurreição. Para as correntes Cristãs, tanto Católicas como as oriundas desse tronco, a ressurreição é um processo único e destinado a se efetivar tão somente no final dos tempos com o advento da vinda do Cristo e uma conseqüente separação entre o “joio e o trigo”.

O que apresentou Vieira, quando em Sermão na capela Real, era diferente. Afirma em pregação, estar alí presente D. Sebastião, morto a mais de quarenta anos na batalha de Alcacer-Quibir no Marrocos, ressuscitado na pessoa do El-Rei D. João IV. Prega ainda em outra oportunidade que após o falecimento de D. João, aquele ressuscitaria novamente para assumir a governança do Quinto Império no mundo. Tal constatação fora feita sob a lógica fática do fenômeno ter ocorrido em corpos diferentes, vez que D. João IV, sequer tinha semelhanças físicas com D. Sebastião. Não tendo havido assim uma ressurreição de corpo e o fora tão somente de alma.

É de se notar que em nenhuma das oportunidades acima, Vieira fala em “final dos tempos”. Incluiu novidade ao afirmar a ressurreição de pessoa já ressurgida aproximando-se com a visão de várias ressurreições de visão reencarnacionista. Para o reencarnacionismo o espírito ou alma transmigra por diversos corpos, mais pertinente à afirmação feita por Vieira. Ainda que no reencarnacionismo a ocorrência de novas existências não aconteceria tão somente no final dos tempos, mas de tempos em tempos, conforme oportunidade e necessidade, aparentemente mais pertinente ao que constatara e dissera Vieira.

Vieira, em questão interessante no primeiro Sermão dos dedicados a São Francisco Xavier, “Xavier dormindo”, define os sonhos como “filhos dos cuidados”, ou, mais argutamente, “reliquias dos cuidados”. Rebate totalmente o posicionamento

de que o sono seria tão somente um período para o refazimento do corpo físico e que a alma/espírito conseqüentemente também durma nesse período. Vieira subdivide o período do sono em duas situações sendo o sono físico parte tão somente destinada ao refazimento do corpo físico. Nesse mesmo período a alma ou espírito, como se queira definir, se manteria desperto em vigília, e também aberto a “cuidados” e atividades. Evidência clara de uma visão de separação por completo de corpo e alma com a peculiaridade de que à alma se poderia e até mesmo deveria ser oportunizados tratamentos e orientações durante esse período.

Sonha-se com o que se deseja ou se teme, sonha-se com o ideal frustrado, trabalha-se o espírito/alma durante o período do sono, bem passou Vieira. A finalidade do espírito enquanto na carne seria a busca do aprendizado.

Ninguém morre para estar sempre morto; por isso a morte nas Escrituras se chama sono. (...) Porque a verdade e certeza da imortalidade do homem não só é fé, senão também ciência. Por ciência e por razão natural a conheceram Platão, Aristóteles e tantos outros filósofos gentios. (...) Mortos, mortos, desenganai estes vivos. Dizei-nos que pensamentos e que sentimentos foram os vossos quando entrastes e saístes pelas porta da morte? (...) Nenhum homem há naquele ponto que não desejara muito uma de duas: ou não ter nascido, ou tornar a nascer de novo, para fazer uma vida muito diferente”. Antonio Vieira, Sermão da Quarta-feira de cinza, pregado em Roma, na igreja de S. Antônio dos Portugueses, 1672.

Dentro da questão tratada neste tópico, vemos um Vieira que corajosamente proclama em Sermão, do púlpito, na Capela Real, a todos que lhe ouviam naquela ocasião, ser D. João IV o desejado el rei D. Sebastião, “ressuscitado”. Com tais posicionamentos apresenta-se uma questão que merece alguma discussão, ou seja, donde originaria tal posicionamento de Vieira, já que jesuita católico, e como puderam ser tão tranquilamente aceitos no Portugal daquele momento tão Católico?

Certas circunstância podem ter subsidiado o posicionamento do Padre Antônio Vieira, entre elas destaca-se o fato de que, como já dito alhures, Vieira chegou ao Brasil ainda bem criança e aqui viveu, em Salvador na Bahia, por bons anos e conviveu numa mistura de raças e essas com suas próprias religiosidades.

Bastante provável é que Vieira não tenha tão somente aprendido a língua dos ameríndios e de Angola, “e em todas chegou a ser perito” (Azevedo, 2008: 25), mas logicamente deve ter conhecido e muito, também a religiosidade desses povos e sabido é que na numerosa população de escravos trazidos da África muitos possuíam religiosidade cuja orientação reencarnacionista seria fato. Surge aqui um

Vieira mais amplo, dúplice por excelência também na concepção religiosa, e não o religioso com uma concepção Católica tão somente.

Outra questão seria aquela de que para um ser com a capacidade intelectual de Vieira e que conheceu e muito bem as Trovas do sapateiro Bandarra e não a renegara é de se convir que houve aí alguma interculturalidade ou mesmo alguma complementariedade na questão. Outra circunstância que possa ter contribuído para a híbrida concepção religiosa em Vieira estaria mesmo em sua terra natal, como dito acima pois que uma aceitação para eventual concepção reencarnacionista entre os portugueses viria de longa data, como bem coloca Jacqueline Hermann em sua obra sobre Antonio Vieira e o sebastianismo, quando nos relata que:

Localizou, ainda, na “alma religiosa da nação” uma matriz importante nas antigas religiões naturalistas dos celtas, matriz que transformou dom Sebastião no rei Artur, “escondido na ilha viçosa dos bardos. (...) ... eles abordam, no conjunto, elementos importantes do processo de constituição da crença sebástica. O sebastianismo foi em parte fruto da tradição céltica (Hermann, 1998: 101-103).

Retornando a Portugal reencontra Vieira um país que havia tido, por considerável período a presença em suas terras de povos célticos totalmente adeptos da concepção reencarnacionista além de que ali estiveram presentes também outras culturas e civilizações, muitas das quais com concepções religiosas algumas vezes bastante próximas de uma orientação se não totalmente reencarnacionista, muitas vezes com grandes elementos dessa concepção.

Questões dúplices

Vieira defendeu incansavelmente os direitos dos ameríndios combatendo sua exploração e escravização, sempre muito atuante na evangelização desses povos indígenas. Tanto que recebeu deles a denominação de “Paiaçu”, grande Padre/Pai, em tupi. Como “paiaçu” soube notar e compreender o mirim/pequeno e acanhado desenvolvimento espiritual desses filhos descobertos na encoberta terra longínqua e levados à escravidão pelo homem branco de terras distantes.

Possivelmente Vieira, dentro de uma convicção reencarnacionista constata que aqueles seres se encontrariam em estágios iniciais da formação espiritual, se assim o fora, fica uma cabal demonstração de visão de que as almas vivem um constante evoluir e passam por estágios ora no plano terrestre (vida física) ora no plano espiritual (erraticidade). Estágios esses possivelmente infinitos em

possibilidade/necessidade. Percebe Vieira que somente uma fé, que diligentemente pregava, não salvaria tais indivíduos pois há que se evoluir até mesmo para que se tenha condições de ter fé.

Outra questão que merece comento diz respeito ao fato de ser árduo defensor dos cristãos novos, buscando inclusive a abolição da distinção entre esses e os cristãos velhos, além de criticar severamente e em várias oportunidades, sacerdotes de sua época e a própria Inquisição, mesmo sob votos de obediência quanto a essa questão. Possivelmente pois que enquanto adepto da transmigração das almas por corpos variados e por vidas distintas, conforme já tratado alhures, possivelmente não adotava a visão de que os cristãos novos seriam adversários religiosos a serem combatidos, mas sim e muito mais, espíritos encarnados e naquele momento/existência na condição de judeus, cuja escravização, afastamento, banimento, jamais defendeu.

A existência é oportunidade de crescimento que não é adquirido tão somente pela prática da fé. Em uma de suas últimas obras, a *Clavis prophetarum* – Chave dos Profetas, onde segundo Besselaar, “Vieira afasta-se um pouco do bandarrismo e do luso-centrismo anteriores, talvez por dirigí-lo agora aos exegetas do mundo inteiro com vistas a fundamentar definitivamente seu sistema profético”. Cria Vieira, nessa circunstância da vida onde já bem velho e isolado, porém amadurecido, num império Cristão na terra como último estágio de um império a muito iniciado e ainda incompleto? É bem que sim. Pois que, antes disso, chegara a afirmar em sua defesa perante o Santo Ofício que desde os primeiros tempos da Igreja a cláusula do Padre-Nosso, *adveniat regnum tuum*, fora interpretada como se referindo a um reino neste mundo, baseando-se em orientações advindas dos próprios pais da Igreja, os quais relatara nominalmente. Disse ainda que, “Segue-se que da terra e na terra é o dito império, e não do céu e no céu”.

Quando da apresentação dessa defesa, Vieira já havia sido julgado pelo Ofício e considerado culpado e já estava condenado a não mais tratar, por escrito ou verbalmente, das idéias reprovadas, privado de voz ativa e passiva e proibição de pregar, além da prisão bem é certo. Calaram aquele que difundira a própria Instituição e propagara o que aprendera nela tão somente? Eis mais uma questão a se ver sob ótica dúplice.

Cinco dias depois da morte de Vieira, seu secretário Antonil escrevia ao

padre-geral relatando fatos e recomendando que “o melhor seria omitir as opiniões singulares de Vieira, seu ex-padrinho, pois era doutrina só admissível se aprovada em concílio universal” (Hermann, 1998). Adestrado para ser jesuita, propunha doutrina além daquela à qual professou votos de obediência? Criara religião nova? Calaram mais uma vez, um homem ou uma visão?

Considerações finais

Quanto ao que se propôs discutir, o presente trabalho apresenta outra perspectiva analítica do Padre Antônio Vieira. Uma releitura de Vieira sob uma perspectiva que afasta, dentro do possível, uma visão sacralizada daquele. Atitude que oportuniza ainda que se apresente um homem, religioso, no mundo. Nesse homem, religioso no mundo é possível se descerrar uma bagagem pessoal, intelectual e religiosa também construída e constituída de elementos externos, enquanto ser em sociedade, convivente em uma circularidade cultural, religiosa e social. É possível se constatar ainda que a grande maioria daqueles que analisam Vieira e sobre ele e suas obras trabalham, pouco foram os que ousaram fazer uma leitura fora da perspectiva predominante. Buscou-se, assim, com o presente trabalho trazer à tona um outro ser no mesmo Padre, um outro padre no mesmo ser, uma outra obra na mesma obra e por fim, mais uma perspectiva sobre os mesmos fatos. Vieira jamais foi um ser único, sempre dual, sempre dúplice, sempre esse e outro, sempre outro, nesse! Para cada faceta há o outro, sempre o encoberto no descoberto, esse é Vieira. Possivelmente, o único campo comum seja o próprio Vieira, enquanto pessoa, a que se atem os fios díspares dessa frutífera trajetória repleta de duplicidades.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, João Lúcio de. **História de Antônio Vieira, tomos I e II**. São Paulo: Alameda Editorial, 2008.
- BESSELAAR, José van den. **Antônio Vieira: profecia e polêmica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- BESSELAAR, José van den. **Antônio Vieira: o homem, a obra, as ideias**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1981.
- BESSELAAR, José van den. **O Sebastianismo - História Sumária**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.
- BOSI, Alfredo. **Essencial Padre Antônio Vieira**. 1ª reimpressão. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- HANSEN, João Adolfo; MUHANA, Adma; GARMES, Hélder (Orgs). **Estudos sobre Vieira**.

São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

HERMANN, Jacqueline. **No reino do Desejado: a construção do sebastianismo em Portugal séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HERMANN, Jacqueline. **O sonho da salvação, 1580-1600**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PÉCORA, Alcir. **Teatro do Sacramento**. São Paulo, Editora Unicamp/Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

PUNTONI, Pedro. Prefácio. In **História de Antônio Vieira**, tomo I. São Paulo: Alameda Editorial, 2008.